

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

## O retorno a Ur. Qual Ur?

### Quarta Humanidade, Quinto Império e Quinta Humanidade - O pensamento integralista no século XXI

#### Resumo:

É comum, ao pensamento nacionalista, evocar romanticamente um retorno a tempos fundadores, os tempos míticos que garantem a ascendência legitimadora de orientatios ancestrais, de heróis salvadores, com desafios e êxito pessoal, mas com implicações coletivas que alcançam determinados setores sociais e territoriais. Esta necessidade legitimadora e recorrente na História da Humanidade não apenas pretende-se ao espelhamento moral, mas à ação política. A ideia do “espelhamento” refere-se ao ideal narcisista. Neste sentido, o “espelho” tem o sentido de duplo reflexo. O sentido (direção) dos reflexos que espelham o pensamento de uma Nova Direita no Mundo Ocidental apresentam-se como decorrentes do mundo globalizante, mas opostos ao que chamam globalismo pois este representaria a antítese do bodenständigkeit, a “conexão com o solo” como força definidora do pertencer, da identidade nacional. Portanto, os “desenraizados”, como os migrantes e, segundo o estigma antisemita, os judeus, são considerados aqueles que não criam raízes. Como se o “criar raízes” fosse uma opção e não o enfrentamento das condições estruturais e culturais que todo migrante encontra ao deslocar-se de sua origem étnica e territorial. De outra perspectiva, a intelectual judia Hannah Arendt usa o termo worldlessness como uma ideia de privação, de alheamento político do povo judeu no mundo “como uma condição imposta, em certa medida, por sua dispersão” (ARENDR, 1944 in KOHN & FELDMAN, 2016:389). Do mesmo modo, a situação de refugiados políticos e climáticos está representada.

Entende-se que o retorno ao mito se constitui, em sua própria construção contextual, enquanto carga polifônica, uma tentativa de orientação para significações culturais. O que se intenta no pensamento das Novas Direitas é a sintetização pela representação do mito como suporte de orientatios nacionais, no mundo contemporâneo. Os movimentos "de Direita" são produto do Estado-Nação. Uma característica dos movimentos que se

# **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

constituem como Extremas Direitas atuais é a que, diante das rupturas civilizatórias que se constituíram na construção dos Estados-Nação, assumiram posições não apenas conservadoras, mas retrógradas, que evocam o mito do Eterno Retorno. Este, conforme Mircea Eliade (1951), deve ser compreendido como “retorno” ao mundo arcaico em que, sob certas condições cósmicas, originara-se o mito fundador, ou uma era cósmica harmônica e remete-se à uma ontologia original. O “retorno original” pode ser compreendido como retorno a um ideal de Estado Autoritário que seria traduzido em Ur, a cidade Mesopotâmica da qual Abrão se originou, ou a Ur Atlântida, ou uma outra Ur oriental mística. As relações ideológicas entre o integralismo brasileiro atual e as Novas Direitas do Norte serão analisadas.

## **I. Sobre perspectivas e expectativas para um idealizado retorno**

O pensamento nacionalista, sustentado pelas influências do romantismo dos séculos XVIII e XIX, na Europa, revelavam as necessidades de construções de identidades nacionais evocando um ideal de unidade da diversidade no “único”, no “perene”, que se realizaria por um retorno aos tempos ancestrais. Esta perspectiva se mantém pelos símbolos nacionais e por políticas sociais e econômicas no cômputo imperialista neoliberal como “política de mercado”, tanto no que se refere às políticas de subvenções dos países centrais aos seus produtores, criando empecilhos à “livre concorrência” em relação aos países periféricos, mas, também, quanto às práticas protecionistas conservadoras, quanto à manutenção de estruturas econômicas desiguais entre os hemisférios Norte e Sul, sob orientações de instituições financeiras, conforme exemplificação exposta por João Marcio Mendes Pereira (2009), ao abordar as ações ou “atuações” do “Banco Mundial como ator político, intelectual e financeiro” entre 1944 e 2008.

Desta perspectiva, é possível localizar, através das conjunturas processuais, as reações de parcelas da “comunidade planetária”, especialmente as que se identificam com a civilização ocidental, a constatação histórica da globalização em oposição ao que se constitui, segundo estes setores, o globalismo. O antiglobalismo aparece como movimento identitário contra o ocidentalismo e o islamismo na Europa (ZÚQUETE,

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

2021). E este movimento, que intelectualmente é atravessado por melancólicas “despedidas” dos séculos que antecederam o XIX, persiste nos séculos seguintes enquanto reação à constatação de que a “ordem sagrada” teria se desviado do caminho, das “Molas principais da civilização”, como Ellsworth Huntington descreveu ao abordar os aspectos que considerava determinante para a história da humanidade, entendendo que as estruturas geológicas, as topografias, o clima e o ambiente natural influenciariam as formas de pensar e os fenótipos em cada sociedade em particular. Embora, para parcela das Direitas do Hemisfério Norte, as questões eugênicas e o darwinismo social na abordagem naturalista de Huntington, estejam presentes, os argumentos “raciais” de origem geográfica permeiam as lutas anti-migratórias, desencadeadas, especialmente, nas duas primeiras décadas do século XXI. Segundo o escritor brasileiro, radicado nos EUA, Olavo de Carvalho, a xenofobia, em si mesma, não representa a reação das Novas Direitas ao chamado “globalismo”. Este é, principalmente a reação as lutas identitárias, à hegemonia mundial estadunidense, ao antissionismo, ao anticristianismo e, como escreve Carvalho, também “as quotas raciais, o desarmamento civil, o casamento *gay*, o alarmismo ecológico, o abortismo, a imposição do vocabulário ‘politicamente correto’, a medicalização da sociedade e a liberação das drogas pesadas — com seu complemento dialético infalível, a proibição do tabaco. (CARVALHO, 2003, s/p).

Para Carvalho, esses movimentos advêm de intelectuais ativistas ligados a organismos internacionais. Carvalho coloca-se na função de intelectual orgânico<sup>1</sup> que analisa e propõe o enfrentamento ao “globalismo” o qual define como projeto defensor de múltiplas identidades e sob a perspectiva de um “marxismo cultural” cujo teor é a promoção da destruição das bases do pensamento ocidental, com sua dialética materialista histórica que imputaria, com o exercício da negação/superação, a dúvida e a confusão:

Nesse vasto *front*, a ausência de unidade ideológica formal é uma garantia contra polêmicas internas debilitantes. Ao mesmo tempo, serve para desorientar o adversário, que não sabe ao certo contra quem está lutando. A linha divisória, com efeito, não pode ser demarcada em termos de comunismo e anticomunismo, porque os comunistas sacrificaram a urgências maiores a antiga rigidez do seu discurso; nem de capitalismo e anticapitalismo, pois há poderosos interesses capitalistas de ambos os lados; nem de Estados em conflito, porque muitos Estados têm dentro de si inimigos piores que no

---

<sup>1</sup> Na medida em que representam seus grupos e os integram, como intelectuais orgânicos, estes os organizam em aparelhos privados de hegemonia (na sociedade civil) ou em partidos, como parte da sociedade política, para alcançarem o domínio do Estado. (GRAMSCI, 2000).

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

exterior; nem de guerra civilizacional, como pretende Samuel Huntington, pois seria absurdo jogar sobre as costas do Islam a responsabilidade por uma doutrina tão “ocidental” quanto o marxismo, ainda um fator intelectual importante na luta pela conquista mundial. (CARVALHO, 2003, s/p.)

As reações ao chamado globalismo distinguem-se quanto às avaliações de supostas destruições míticas das comunidades originais que deveriam ser preservadas por cada grupo específico que compõe a chamada Nova Direita no mundo atual.

Portanto, como se autodescreve o editorial da Editora *Media Arktos*, uma das principais divulgadoras do pensamento das Novas Direitas, entre os interesses de pesquisa do cofundador Jacob Senholt, do ex-editor John Morgan, do C.E.O. Daniel Friberg e o ex-editor Jason Reza Jorjani estavam os estudos Indo-Europeus, os Tradicionalismos; as obras de Julius Evola; a antipolítica no Direito de Carl Schmitt; o Anti-iluminismo; o Antimodernismo; o interesse pelas marcas territoriais e fenóticas “raciais” do Arianismo; e, também, o Fascismo.

Annie Dymetman, com o objetivo de recorrer à uma análise sob o viés do uso de uma “hermenêutica do excesso”, analisa confluências de oposições radicais entre Walter Benjamin e Carl Schmitt, contemporâneos e conterrâneos, em posições ideológicas radicalmente opostas durante os tempos que cercaram a história da Alemanha entre a Constituição de Weimar ao fim da Segunda Guerra Mundial. Segundo Dymetman:

Herdeiros do raciocentrismo iluminista, envoltos pela sagitalidade do presente, pelo entusiasmo e pelo desejo de autonomia, defrontamo-nos hoje com o vácuo civilizatório da barbárie, injustiça e violência, da indiferença a elas e até a sua anistia. O enigma sempiterno entre o progresso da humanidade e sua autodestruição. reatualiza-se no clima melancólico e apocalíptico do final do milênio, expresso no *ethos* da crise do capitalismo, do Estado e da razão que, ao se caracterizar por soluções concretas de curto prazo, tem confrontado propostas que muito rapidamente se mostram inócuas e estéreis. (DYMETMAN, 2001, p.53)

Posto que a agenda nacionalista estende-se pelo século XX como determinante das concepções distintivas entre “povos” e “apátridas”, denominações que se delineiam a partir da criação da Organização das Nações Unidas, a concepção de “nacionalismo” ecoa sob o paradoxo das lutas pelas independências das antigas colônias europeias na África, e na Ásia e mesmo pelas reordenações “conciliatórias” ou de oposição ao *Big Stick* e seus

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

desdobramentos, por todo o século XX, na relação entre os Estados Unidos da América e os países da América Latina.

As lutas por libertação das antigas colônias africanas e asiáticas, por exemplo, promoveram, tanto as constituições de “novas” nacionalidades como a luta por uma relação identitária entre colonizados e colonizadores, o que levaria à demanda imigratória de parcela de ex-colonizados como resultante de uma “necessidade de ajustes” econômicos, culturais e políticos que teriam produzido dependências e exigências de compensações humanitárias decorrentes do século da exploração imperialista.

Quanto às análises acerca das construções ideológicas dos nacionalismos, como as desenvolvidas por Eric Hobsbawm e Terence Ranger, estas contribuem para a compreensão da imposição de referenciais “agregadores” que se traduzem em “invenções de tradições” com o intuito de estabelecer continuidades a partir de elementos fundantes: os tempos míticos que garantem a ascendência legitimadora de *orientatio*s ancestrais, de heróis salvadores, com desafios e êxito pessoal, mas com implicações coletivas que alcançam determinados setores sociais e territoriais.

Esta necessidade legitimadora e recorrente na História da Humanidade, como nacionalismo e, na concepção de parcela das chamadas “Novas Direitas”, ao ideal de “nativismo” pretende-se ao espelhamento moral e, também, à ação política. A ideia do “espelhamento” refere-se ao ideal narcisista.

Neste sentido, o “espelho” tem o sentido de duplo reflexo. O sentido (direção) dos reflexos que espelham o pensamento de uma Nova Direita no Mundo Ocidental apresentam-se como decorrentes do mundo globalizante, mas opostos ao que chamam globalismo pois este representaria a antítese do *bodenständigkeit*, a “conexão com o solo” como força definidora do pertencer, da identidade nacional. Portanto, os “desenraizados”, como os migrantes e, segundo o estigma antissemita, os judeus, são considerados aqueles que não criam raízes. Como se o “criar raízes” fosse uma opção e não o enfrentamento das condições estruturais e culturais que todo migrante encontra ao deslocar-se de sua origem étnica e territorial.

De outra perspectiva, a intelectual judia Hannah Arendt usa o termo *worldlessness* como uma ideia de privação, de alheamento político do povo judeu no mundo “como uma condição imposta, em certa medida, por sua dispersão” (ARENDR, 1944 in KOHN

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

&FELDMAN, 2016:389). Do mesmo modo, a situação de refugiados políticos e climáticos está representada.

Entende-se que o retorno ao mito se constitui, em sua própria construção contextual, a carga polifônica das tentativas de orientação para significações culturais. O que se intenta no pensamento das Novas Direitas é a sintetização pela representação do mito como suporte de *orientatio*s nacionais, no mundo contemporâneo.

## II. Direitas: definições

Os movimentos "de Direita" são produtos da implantação dos modelos de Estado-Nação, do processo de construção de definições de fronteiras territoriais sob a representação burguesa que substituiria as submissões monárquicas pelos direitos cidadãos. Neste sentido, a condição de cidadão equivaleria à da identidade nacional. Os Estados-Nação correspondem à definição de Estado Ocidental por Gramsci, como o da hegemonia do pensamento liberal, com seu modelo de Estado por organização da sociedade civil e da sociedade política.

## III. Utopia ou Distopias como ideais de retorno: a mitologia Ur no Integralismo brasileiro

Como “opera” a História? O “mito do contexto”, enquanto crítica ao historicismo, opondo-se ao determinismo, suporta reflexão importante sobre as possibilidades do futuro da Humanidade. As formas de pensar o devir opõem-se entre a ideia de progresso como processo linear, que levaria ao clímax coletivista totalitário, representado pelo comunismo e pelo fascismo, representado pela crítica ao historicismo de Karl Popper, e as demais correntes historiográficas que apostam, ou apostaram, na capacidade intelectual da humanidade de constituir-se com o progresso da racionalidade, da crença nos debates políticos, no Direito e no processo civilizatório de tipo ocidental: a radicalização da oposição homem X natureza.

Enquanto descrença no progresso, o projeto reacionário/conservador integralista guarda a inspiração platônica do “vir a ser” da Atlântida, não como “império do mal”,

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

mas como o poeta alemão Novalis (1772-1801), um “paraíso secreto” (VIDAL-NAQUET, 2005).

Pode-se aplicar a análise de Umberto Eco sobre o que o a emergências das “Novas Direitas” e seus projetos de míticos retornos. A Atlântida equivaleria ao ideal de Ur. As referências à cidade de Ur como um dos berços das civilizações, mas também, como o ponto de partida de Abraão ou da nova aliança pode ser entendido como concepção de Estado síntese, perene, o Estado da Verdade, pois controlável, autoritário, cujo controle de seus membros deveria ser feito através da violência.

Segundo a análise de Deleuze e Guattari, o Urstaat original, surgido totalmente armado, por um golpe de um senhor, é o “eterno modelo de todo Estado quer ser e deseja”. (DELEUZE & GUATTARI, 1976, p. 275).

Eco forjou o conceito de Ur-fascismo para levar-nos a refletir acerca de atitudes violentas e intolerantes praticadas por “pessoas comuns” que, em nome de uma “justiça moral” atacam a convivência democrática com “desconfobulação política e ideológica” (ECO, 1995 In KAUSS, June, 2019, p. 5).

Embora a intenção da Ação Integralista Brasileira da década de 1930 (1932-1938) de forma alguma pretendia preconizar um ideal pagão de sociedade, com a Atlântida, o ideal Ur Abraânico estava presente.

### **Quarta Humanidade e o Quinto Império**

Para que se fundasse a nova sociedade humana, a Quarta Humanidade, ou o Quarto Império, seria preciso, entretanto, formar o novo homem, aquele capaz de apreender esse caminho, que também significa retornar à própria humanidade. Para que se faça a volta ao tempo de antes, é preciso ter em conta o que foi acumulado em toda a história dos homens. Esta, então, seria síntese integralista, sem dialética, só acumulação. O resultado seria, pela limpeza das arestas materialistas, a supremacia do espírito, a superação de todas as diferenças, não pela equalização, mas pela inclusão de todos na totalidade. Isto também significa a exclusão dos que não se amoldam ao movimento.

A ação da militância da AIB se fazia, nos inícios do século XX, como realização da síntese integralista e em defesa do *status quo*. A revolução integralista deveria ser

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

espiritual, individual e coletiva, em torno do projeto do Estado Integral que deveria ser produto e realização do advento da Quarta Humanidade, a obra suprema e universal, católica, cuja origem seria o Brasil. Os integralistas conservam uma utopia, a que o advento preparado pelo Estado Integral, o da definitiva ruptura provocada por uma última erupção da história<sup>1</sup>, se instalaria, com todos seus militantes. Os vivos e os mortos, que na “Militância do Além” aguardam o juízo final, a ressurreição da carne e a vida eterna no Império do Cordeiro.

## Quinta Humanidade

Uma característica dos movimentos que se constituem como Extremas Direitas atuais é a que, diante das rupturas civilizatórias que se constituíram na construção dos Estados-Nação, assumirem posições não apenas conservadoras, mas retrógradas, que evocam o mito do Eterno Retorno. Este, conforme Mircea Eliade (1951), deve ser compreendido como “retorno” ao mundo arcaico em que, sob certas condições cósmicas, originara-se o mito fundador, ou uma era cósmica harmônica e remete-se à uma ontologia original. O “retorno original” pode ser compreendido como retorno a um ideal de Estado Autoritário que seria traduzido em Ur, a cidade Mesopotâmica da qual Abrão se originou, ou a Ur Atlântida, ou uma outra Ur oriental mística. As relações ideológicas entre o integralismo brasileiro atual e as Novas Direitas do Norte serão analisadas.

A concepção de retorno a Ur representa, como apresentou Umberto Eco. Na sua concepção de “Ur-fascismo”, ou “fascismo eterno”, a permanência de um *ethos* fascista como definidor de atitudes e persistência de pensamento autoritário. Para Eco, as características do Ur Fascismo são:

**1.** A primeira característica de um Ur-Fascismo é o culto da tradição. O tradicionalismo é mais velho que o fascismo. Não somente foi típico do pensamento contra reformista católico depois da Revolução Francesa, mas nasceu no final da idade helenística como uma reação ao racionalismo grego clássico.

Na bacia do Mediterrâneo, povos de religiões diversas (todas aceitas com indulgência pelo Panteon romano) começaram a sonhar com uma revelação recebida na aurora da história humana. Essa revelação permaneceu longo tempo escondida sob o véu de línguas então esquecidas. Havia sido confiada aos hieróglifos egípcios, às runas dos celtas, aos textos sacros, ainda desconhecidos, das religiões asiáticas.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Essa nova cultura tinha que ser sincretista. “Sincretismo” não é somente, como indicam os dicionários, a combinação de formas diversas de crenças ou práticas. Uma combinação assim deve tolerar contradições. Todas as mensagens originais contêm um germe de sabedoria e, quando parecem dizer coisas diferentes ou incompatíveis, é apenas porque todas aludem, alegoricamente, a alguma verdade primitiva.

Como consequência, não pode existir avanço do saber. A verdade já foi anunciada de uma vez por todas, e só podemos continuar a interpretar sua obscura mensagem. É suficiente observar o ideário de qualquer movimento fascista para encontrar os principais pensadores tradicionalistas. A gnose nazista nutria-se de elementos tradicionalistas, sincretistas ocultos. A mais importante fonte teórica da nova direita italiana Julius Evola, misturava o Graal com os Protocolos dos Sábios de Sião, a alquimia com o Sacro Império Romano. O próprio fato de que, para demonstrar sua abertura mental, a direita italiana tenha recentemente ampliado seu ideário juntando De Maistre, Guenon e Gramsci é uma prova evidente de sincretismo.

Se remexerem nas prateleiras que nas livrarias americanas trazem a indicação “New Age”, irão encontrar até mesmo Santo Agostinho e, que eu saiba, ele não era fascista. Mas o próprio fato de juntar Santo Agostinho e Stonehenge, isto é um sintoma de Ur-Fascismo.

**2.** O tradicionalismo implica a recusa da modernidade. Tanto os fascistas como os nazistas adoravam a tecnologia, enquanto os tradicionalistas em geral recusam a tecnologia como negação dos valores espirituais tradicionais. Contudo, embora o nazismo tivesse orgulho de seus sucessos industriais, seu elogio da modernidade era apenas o aspecto superficial de uma ideologia baseada no “sangue” e na “terra” (Blut und Boden). A recusa do mundo moderno era camuflada como condenação do modo de vida capitalista, mas referia-se principalmente à rejeição do espírito de 1789 (ou 1776, obviamente). O iluminismo, a idade da Razão eram vistos como o início da depravação moderna. Nesse sentido, o Ur-Fascismo pode ser definido como “irracionalismo”.

**3.** O irracionalismo depende também do culto da ação pela ação. A ação é bela em si, portanto, deve ser realizada antes de e sem nenhuma reflexão. Pensar é uma forma de castração. Por isso, a cultura é suspeita na medida em que é identificada com atitudes críticas. Da declaração atribuída a Goebbels (“Quando ouço falar em cultura, pego logo a pistola”) ao uso frequente de expressões como “Porcos intelectuais”, “Cabeças ocas”, “Esnobes radicais”, “As universidades são um ninho de comunistas”, a suspeita em relação ao mundo intelectual sempre foi um sintoma de Ur-Fascismo. Os intelectuais fascistas oficiais estavam empenhados principalmente em acusar a cultura moderna e a inteligência liberal de abandono dos valores tradicionais.

**4.** Nenhuma forma de sincretismo pode aceitar críticas. O espírito crítico opera distinções, e distinguir é um sinal de modernidade. Na cultura moderna, a comunidade científica percebe o desacordo como instrumento de avanço dos conhecimentos. Para o Ur-Fascismo, o desacordo é traição.

**5.** O desacordo é, além disso, um sinal de diversidade. O Ur-Fascismo cresce e busca o consenso desfrutando e exacerbando o natural medo da diferença. O primeiro apelo de um movimento fascista ou que está se

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

tornando fascista é contra os intrusos. O Ur-Fascismo é, portanto, racista por definição.

**6.** O Ur-Fascismo provém da frustração individual ou social. O que explica por que uma das características dos fascismos históricos tem sido o apelo às classes médias frustradas, desvalorizadas por alguma crise econômica ou humilhação política, assustadas pela pressão dos grupos sociais subalternos. Em nosso tempo, em que os velhos “proletários” estão se transformando em pequena burguesia (e o lumpesinato se auto exclui da cena política), o fascismo encontrará nessa nova maioria seu auditório.

**7.** Para os que se veem privados de qualquer identidade social, o Ur-Fascismo diz que seu único privilégio é o mais comum de todos: ter nascido em um mesmo país. Esta é a origem do “nacionalismo”. Além disso, os únicos que podem fornecer uma identidade às nações são os inimigos. Assim, na raiz da psicologia Ur-Fascista está a obsessão do complô, possivelmente internacional. Os seguidores têm que se sentir sitiados. O modo mais fácil de fazer emergir um complô é fazer apelo à xenofobia. Mas o complô tem que vir também do interior: os judeus são, em geral, o melhor objetivo porque oferecem a vantagem de estar, ao mesmo tempo, dentro e fora. Na América, o último exemplo de obsessão pelo complô foi o livro *The New World Order*, de Pat Robertson.

**8.** Os adeptos devem sentir-se humilhados pela riqueza ostensiva e pela força do inimigo. Quando eu era criança ensinavam-me que os ingleses eram o “povo das cinco refeições”: comiam mais frequentemente que os italianos, pobres mas sóbrios. Os judeus são ricos e ajudam-se uns aos outros graças a uma rede secreta de mútua assistência. Os adeptos devem, contudo, estar convencidos de que podem derrotar o inimigo. Assim, graças a um contínuo deslocamento de registro retórico, os inimigos são, ao mesmo tempo, fortes demais e fracos demais. Os fascismos estão condenados a perder suas guerras, pois são constitutivamente incapazes de avaliar com objetividade a força do inimigo.

**9.** Para o Ur-Fascismo não há luta pela vida, mas antes “vida para a luta”. Logo, o pacifismo é conluio com o inimigo; o pacifismo é mau porque a vida é uma guerra permanente. Contudo, isso traz consigo um complexo de Armagedon: a partir do momento em que os inimigos podem e devem ser derrotados, tem que haver uma batalha final e, em seguida, o movimento assumirá o controle do mundo. Uma solução final semelhante implica uma sucessiva era de paz, uma idade de Ouro que contestaria o princípio da guerra permanente. Nenhum líder fascista conseguiu resolver essa contradição.

**10.** O elitismo é um aspecto típico de qualquer ideologia reacionária, enquanto fundamentalmente aristocrática. No curso da história, todos os elitismos aristocráticos e militaristas implicaram o desprezo pelos fracos. O Ur-Fascismo não pode deixar de pregar um “elitismo popular”. Todos os cidadãos pertencem ao melhor povo do mundo, os membros do partido são os melhores cidadãos, todo cidadão pode (ou deve) tornar-se membro do partido. Mas patrícios não podem existir sem plebeus. O líder, que sabem muito em que seu poder não foi obtido por delegação, mas conquistado pela força, sabe também que sua força baseia-se na debilidade das massas, tão fracas que têm necessidade e merecem um “dominador”. No momento em que o grupo é organizado

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

hierarquicamente (segundo um modelo militar), qualquer líder subordinado despreza seus subalternos e cada um deles despreza, por sua vez, os seus subordinados. Tudo isso reforça o sentido de elitismo de massa.

**11.** Nesta perspectiva, cada um é educado para tornar-se um herói. Em qualquer mitologia, o “herói” é um ser excepcional, mas na ideologia Ur-Fascista o heroísmo é a norma. Este culto do heroísmo é estreitamente ligado ao culto da morte: não é por acaso que o mote dos falangistas era: “Viva la muerte!” À gente normal diz-se que a morte é desagradável, mas é preciso enfrentá-la com dignidade; aos crentes, diz-se que é um modo doloroso de atingir a felicidade sobrenatural. O herói Ur-Fascista, ao contrário, aspira à morte, anunciada como a melhor recompensa para uma vida heroica. O herói Ur-Fascista espera impacientemente pela morte. E sua impaciência, é preciso ressaltar, consegue na maior parte das vezes levar os outros à morte.

**12.** Como tanto a guerra permanente como o heroísmo são jogos difíceis de jogar, o Ur-Fascista transfere sua vontade de poder para questões sexuais. Esta é a origem do machismo (que implica desdém pelas mulheres e uma condenação intolerante de hábitos sexuais não-conformistas, da castidade à homossexualidade). Como o sexo também é um jogo difícil de jogar, o herói Ur-Fascista joga com as armas, que são seu Ersatz fálico: seus jogos de guerra são devidos a uma inveja pênis permanente.

**13.** O Ur-Fascismo baseia-se em um “populismo qualitativo”. Em uma democracia, os cidadãos gozam de direitos individuais, mas o conjunto de cidadãos só é dotado de impacto político do ponto de vista quantitativo (as decisões da maioria são acatadas). Para o Ur-Fascismo os indivíduos enquanto indivíduos não têm direitos e “o povo” é concebido como uma qualidade, uma entidade monolítica que exprime “a vontade comum”. Como nenhuma quantidade de seres humanos pode ter uma vontade comum, o líder apresenta-se como seu intérprete. Tendo perdido seu poder de delegar, os cidadãos não agem, são chamados apenas *pars pro toto*, para assumir o papel de povo. O povo é, assim, apenas uma ficção teatral. Para ter um bom exemplo de populismo qualitativo, não precisamos mais da Piazza Venezia ou do estádio de Nuremberg.

Em nosso futuro desenha-se um populismo qualitativo TV ou internet, no qual a resposta emocional de um grupo selecionado de cidadãos pode ser apresentada e aceita como a “voz do povo”. Em virtude de seu populismo qualitativo, o Ur-Fascismo deve opor-se aos “pútridos” governos parlamentares. Uma das primeiras frases pronunciadas por Mussolini no Parlamento italiano foi: “Eu poderia ter transformado esta assembleia surda e cinza em um acampamento para meus regimentos”. De fato, ele logo encontrou alojamento melhor para seus regimentos e pouco depois liquidou o Parlamento. Cada vez que um político põe em dúvida a legitimidade do Parlamento por não representar mais a “voz do povo”, pode-se sentir o cheiro de Ur-Fascismo.

**14.** O Ur-Fascismo fala a “novilíngua”. A “novilíngua” foi inventada por Orwell em 1984, como língua oficial do Ingsoq, o Socialismo Inglês, mas certos elementos de Ur-Fascismo são comuns a diversas formas de ditadura. Todos os textos escolares nazistas ou fascistas baseavam-se em um léxico pobre e em uma sintaxe elementar, com o fim de limitar os

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

instrumentos para um raciocínio complexo e crítico. Devemos, porém estar prontos a identificar outras formas de novilíngua, mesmo quando tomam a forma inocente de um *talk-show* popular. (ECO, 1998, pp. 21-25)

Gustavo Barroso descreveu estas etapas procurando definir os seus contextos históricos com base em critérios de caracterização social de “raças”: o “Império do Carneiro” corresponderia à Antigüidade, com o aporte civilizatório dos europeus, brancos sobre outros povos; representando um período de “estado de guerra” hobbesiano, no “Império de Loba” predominaria os aspectos religiosos, morais, de poder militar e civil, força e individualismo, representando o domínio romano; e no “Império de Capricórnio” venceriam os aspectos materiais decorrentes da confusão gerada pela Reforma Protestante, pela Revolução Francesa e pelo liberalismo; a salvação e finalidade última desta evolução estariam no “Império do Cordeiro”: o tempo da síntese econômica-política-espiritual, da totalidade absoluta<sup>2</sup>. Para isso, seria preciso remover os obstáculos do avanço do espiritualismo, da síntese sonhada pelos integralistas. Segundo Barroso, os provadores da discórdia materialista: os judeus e comunistas.

## Referências Bibliográficas:

BUTLER MACIEL, Anor. *O Estado Corporativo*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1936.

CALIL, Gilberto. *O Integralismo no pós-guerra – A formação do PRP (1945-1950)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

CÂNDIDO, Antônio. Significado de Raízes do Brasil. In BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986, pp. xxxix – 1.

CARNEIRO, Márcia Regina da S. R. *Do sigma ao sigma – entre a anta, a águia, o leão e o galo – a construção de memórias integralistas*. Niterói: UFF, Tese de Doutorado, 2007.

---

<sup>2</sup> MAIO, Marcos Chor. *Nem Rotschild nem Trotsky – o pensamento anti-semita de Gustavo Barroso*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

\_\_\_\_\_. "Moral e ciência, família e nação – o romper republicano através das convivências, observações e intervenções de Fernando Magalhães". In CARULA Karoline; ENGEL, Magali & CORRÊA, Maria Letícia [org.]. *Os intelectuais e a nação. Educação, saúde e a construção de um Brasil moderno*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2013.

CAZETTA, Felipe Azevedo. "'Deus, Pátria e Família': bases e fundamentação do pensamento de Plínio Salgado". In *Temporalidades.*, vol. 3, no. 1 Belo Horizonte: PPGH/UFMG, janeiro-julho de 2011, pp. 249-274.

CHRISTOFOLETTI, Rodrigo. *A Enciclopédia do Integralismo: lugar de memória e apropriação do passado (1957-1961)*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

COSTA PINTO, Antonio & PALOMANES, Francisco Carlos Martinho. *O passado que não passa: a sombra das ditaduras na Europa do Sul e na América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

DELEUSE & GUATTARI. *O Anti-Édipo*, 2011. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

DÍEZ-ALEGRIA, J. M. *et alii. Rerum Novarum – Cem anos de Doutrina Social Católica*. Petrópolis: Vozes, 1991.

Diversos Autores. *Plínio Salgado*. São Paulo: Edição da Revista Panorama, 1936.

DUMONT, Jean. *La Révolution Française ou Les Prodiges du sacrilège*. Paris: Criterion, 1984.

ECO, Umberto. *Viagem na Irrealidade cotidiana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

ECO, Umberto. *Cinco Escritos Morais*. Rio de Janeiro: Record, 1998.

ELIADE, Mircea. *História das Crenças e das Ideias Religiosas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

FELTRINELLI, Giangiacomo. *Scritti politici di Benito Mussolini*. Milano: Feltrinelli, 1979.

FIGUEIRA LEAL, Paulo Roberto. Os riscos do personalismo na política. In Revista A3. Juiz de Fora, 2012 [http://www.ufjf.br/revistaa3/files/2014/02/youblisher.com-297508-Revista\\_A3\\_02\\_Abril\\_2012smallpdf.com\\_.12.pdf](http://www.ufjf.br/revistaa3/files/2014/02/youblisher.com-297508-Revista_A3_02_Abril_2012smallpdf.com_.12.pdf) Acesso 21/11/2019.

FOUCAULT, *Prefácio à edição americana de O anti-Édipo. Capitalismo e esquizofrenia*, in Deleuze e Félix Guattari, 1977.

FRANÇA, Lincoln Menezes de. A filosofia da história hegeliana e a trindade cristã. In *Anais do Terceiro Encontro de Pesquisa da UNESP*. Vol. 1, nº 1, 2008. [www.marilia.unesp.br/filogenese](http://www.marilia.unesp.br/filogenese). Acesso 21/11/2019.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

- GRAMSCI, Antonio. *Introdução à Filosofia da Praxis*. Lisboa: Antídoto, 1978.
- \_\_\_\_\_. *Cadernos do Cárcere*. 6 volumes. Rio de Janeiro Civilização Brasileira, 2000.
- HEGEL, G. W. F. *Fenomenologia do Espírito*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- KAUSS, Lara (tradução). Ur -Fascismo: Fascismo Eterno. *Ur - Fascismo* - June, 1995 (2019).
- LEFEBVRE, Henri. *Lógica formal / lógica dialética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.
- LIGUORI & VOZA (orgs.) *Dicionário Gramsciano (1926-1937)*. São Paulo: Boitempo, 2017.
- MIGUEL, Luís Felipe. Em Torno do Conceito de Mito Político. In *Dados vol. 41 n. 3*. Rio de Janeiro, 1998.
- PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana: 29 de junho de 1914): mito, política, luto e senso comum. IN FERREIRA, M. e AMADO, J.(org.) *Usos & Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.
- PLUTARCO. *Vidas Paralelas: Teseu e Rômulo*. Organização de FIALHO, Maria do Céu, Coordenadora Científica do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra/ Projecto de Investigação Plutarco e os fundamentos da identidade europeia. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra.
- POULANTZAS, Nicos. *Fascismo e ditadura*. São Paulo: Martins Fontes, 1978.
- SALGADO, Plínio. *O Conceito de Democracia Cristã*. São Paulo: Presença, 1955.
- SEMERARO, Giovanni. *Gramsci e os novos embates da Filosofia da Praxis*. Aparecida, SP, 2006.
- SOREL, Georges. *Reflexões sobre a Violência*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- TEIXEIRA DA SILVA, Francisco Carlos. O Discurso de Ódio: análise comparada das linguagens dos extremismos in Revista nuestrAmérica; ISSN 0719-3092; Vol. 7; núm. 13; enero-junio 2019. cf. Dialnet-ODiscursoDeOdio-6809044%20(2).
- TRAVERSO, Enzo. *Las nuevas caras de la derecha*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2018
- TRINDADE, Hélgio. *A tentação fascista no Brasil – Imaginário de dirigentes e militantes integralistas*. Porto Alegre: UFRGS, 2016.
- \_\_\_\_\_. *Integralismo, fascismo*

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

ECO, Umberto. *Cinco Escritos Morais*. Rio de Janeiro: Record, 1998.

CARVALHO, O. 2003. <https://olavodecarvalho.org/ainda-o-golpe-de-estado-no-mundo/>

GRAMSCI, A. *Cadernos do Cárcere*, 6 vol. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

SUNIC, Tomislav. *Against Democracy and Equality. The European New Right*. London: Arktos Media Ltd., 2011.

---

<sup>i</sup> Emmanuel Mounier, o pensador existencialista cristão e militante antifascista, chamou de "erupções" as rupturas históricas que se completam pelo início de outro ciclo. Aos contemporâneos dos tempos findos, a aparência é a apocalíptica.